

Um breve debate sobre o poder em Pierre Bourdieu e Norbert Elias

Daniel Costa Farias¹

Resumo:

O presente ensaio tem como objetivo propor uma breve reflexão sobre o tema do poder nas obras de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, dois dos principais nomes da sociologia do século XX. Os autores foram aqui escolhidos por terem elaborado amplas discussões acerca do poder, apesar de inúmeras semelhanças e diferenças. Norbert Elias trata o poder como algo eminentemente diverso. Juntamente como a sociedade, a noção de poder não é exterior aos indivíduos, pois, para existir, precisa de variados contextos para que possa ser colocado em movimento e funcionar. Pierre Bourdieu, entretanto, se preocupa de maneira mais específica com as relações de poder existentes na sociedade. As duas teorias são cabíveis para um debate e tem importância ímpar nas ciências sociais.

Palavras Chave: Norbert Elias; Pierre Bourdieu; Poder.

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: daniel.farias.c@hotmail.com

Introdução

A teoria sociológica contemporânea ainda vive a relação entre indivíduo e sociedade e, ao mesmo tempo, se depara com a noção de poder. Norbert Elias e Pierre Bourdieu são autores que trabalharam essas questões a partir de suas pesquisas e formulações teóricas. Observamos que tanto Elias quanto Bourdieu são filósofos por formação que em seguida migraram para a sociologia. Os dois atribuíram suas mudanças em circunstâncias de caráter pessoal, a exemplo do horror da guerra e o descontentamento pela maneira como a filosofia era exercida, longe das realidades sociais. Elias, de família judia abastada, serviu a Alemanha na Primeira Guerra. Sua mãe morreu em Auschwitz. Bourdieu, de família mais humilde, notório esportista, se valeu desta habilidade para ganhar destaque na escola. Serviu a França na Guerra da Argélia. Por caminhos diferentes, com conceitos similares, mas com algumas diferenças, ambos se tornaram dois dos intelectuais mais influentes do século XX.

Pensamos ser possível relacionar a obra destes dois pensadores articulando seus conceitos, como o de *habitus*, figuração de Elias e campo de Bourdieu, tendo como objetivo romper com uma perspectiva dialética, capaz de separar indivíduo e sociedade. A noção de poder parece ser bastante importante na obra de ambos. Se levarmos em conta, por exemplo, as análises de Elias sobre a sociedade de corte, ou se tentarmos compreender o livro de Bourdieu sobre o poder simbólico, perceberemos que o poder é algo de comum nos estudos dos dois autores.

O presente artigo pretende ser uma rápida demonstração da noção de poder na obra de ambos os sociólogos. Começaremos expondo Norbert Elias e o seu pensamento a respeito desta noção. Depois virá Bourdieu e o seu entendimento sobre o poder simbólico. E por fim, um pequeno debate sobre o poder.

Elias, a sociologia, o poder

A relação entre indivíduo e sociedade, seus processos, suas formações, é algo que existe na obra e no pensamento de Norbert Elias. O tema da relação entre a sociedade e o indivíduo perpassou a obra de Elias até estender em uma série de questões que arranjaríamos um intrincado; uma “rede”, que norteariam todos os seus estudos sociológicos.

A noção de poder em Elias é algo eminente diverso. Podemos, segundo o autor, analisar o poder de duas maneiras: primeiramente como mudança do padrão de comportamentos e emoções; e logo em seguida, nos referimos à centralização dos mecanismos econômicos e militares. Quando analisamos suas principais obras, tais como *O Processo Civilizador*, *A Sociedade de Corte*, e até mesmo sua pesquisa de campo, o livro *Estabelecidos e Outsiders*, percebemos que Elias se refere aos estudos das relações de poder.

Como relação e não apenas como “coisa” ou “algo”, é importante para tentar compreender a noção de poder. Pois, se não é algo fixo, ele não existe por si só. Juntamente como a sociedade, a noção de poder não é exterior aos indivíduos, uma vez que, para existir, precisa de variados contextos para que possa ser colocado em movimento e funcionar. O poder, em Elias, é relacional. Para haver essa relação é preciso existir um referencial da qual ela parta, e ao mesmo tempo seja exercida. Uma centralidade, no sentido de importância, é essencial para esse funcionamento. A corte nas sociedades de corte, o Estado nas sociedades modernas, são um dos mecanismos de equilíbrio de tensões. O poder pode não aparecer como um simples “objeto”, mas se faz sentir em diversos lugares conforme aponta o autor (2005, p.81):

Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. Sob esse ponto de vista, a utilização simples do termo “poder” pode induzir em erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que se metesse na algibeira. Esta utilização da palavra é uma relíquia de idéias mágico-míticas. O poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas — de *todas* as relações.

Notemos que o sociólogo demonstra vários exemplos de relações de poder, a citar, notavelmente, a etiqueta e o cerimonial em uma pequena escala, como na corte de Luís XIV, essas são formas de se exercer o poder, pois esses são os instrumentos que permitem a diferenciação entre os indivíduos, pela proximidade e/ou distanciamento da figura fundamental, o rei. Esse personagem principal da realeza, para ser o que é, necessita do reconhecimento de seu prestígio através da aprovação dos outros. Esse contexto se forma a partir da imagem que o grupo estabelecido tem de si, que por inúmeras razões se contempla como superior aos demais. A posição que os indivíduos ocupam na estrutura social e a função que eles desempenham, para serem respeitados e valorizados, dependem da relação que eles estabelecem com a rede que os envolve. A maneira como o poder vai ocorrer depende, assim, das lutas e das tensões estabelecidas nessa rede de interdependências.

Conforme Elias (2005) as relações de poder modificam de acordo com as transformações no meio social. Nada ocorre sem a participação, direta ou indireta, dos indivíduos nessas redes de interdependências. Não há como pensar em um fator isolado. Sendo assim, podemos perceber ligações entre as mudanças na estrutura social e as mudanças nas estruturas, dos comportamentos e da psique dos indivíduos, o que implica em uma nova forma de se exercer o poder. São transformações, variadas ou não, que ditam o ritmo das relações de poder.

Seguindo essa linha de pensamento, Elias (1994) cita que ao se formarem Estados centralizados sob a égide de um senhor, uma nova forma de comportamento é demandada devido à maior interdependência dos indivíduos. Os grupos estabelecidos permanecem assim, para poder usufruir de sua posição. As redes de poder se tornam complexas na medida em que essas figurações vão se estabelecendo e os meios de se exercer tal poder fica mais estratégico. Essas configurações aparecem pela maneira em que as pessoas regulam e controlam suas condutas e emoções. Então, o controle dos impulsos, a previsão de ações diversas, o sentimento de que algo pode estar errado em relação a si próprio, acaba por levar a um maior distanciamento dos indivíduos. É nesse distanciamento, e ao mesmo tempo na rede de dependências, que os comportamentos e as emoções atuam para o equilíbrio das tensões nas relações de poder. Essa é uma das principais ideias do processo civilizador, pois para Elias o poder sempre acontece na relação. Acontece no cotidiano, através das etiquetas, das formas de se comportar e principalmente no uso diário dos corpos. De forma bem sucinta, como nos atesta Elias (1994, p, 73):

A “civilização” que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. Todas as características distinti-

vas que lhe atribuímos - a existência de maquinaria, descobertas científicas, formas de Estado, ou o que quer que seja - atestam a existência de uma estrutura particular de relações humanas, de uma estrutura social peculiar, e de correspondentes formas de comportamento.

No livro *A Sociedade de Corte* Elias traz, como seu problema de estudo e com conceitos importantes à suas pesquisas, a sociedade cortesã. Discorre sobre costumes individuais e coletivos que, de acordo com sua tese, fazem parte do mesmo processo no quais gestos e comportamentos individuais não se desvinculam de uma mentalidade grupal. Para ele (2001, p.26):

Um problema fundamental com que se depara a investigação sociológica da sociedade de corte é a questão de como se constituiu a figuração de homens interdependentes que tornava não só possível, mas também aparentemente necessário, que milhares de pessoas se deixassem governar durante séculos ou milênios, repetidamente e sem nenhuma possibilidade de controle da situação, por uma única família ou por seus representantes.

O termo “figuração” é essencial em Elias, pois diz respeito a uma coletividade humana não estática e estancada, mas, em constante relação. Cada indivíduo é interconectado numa rede de relações com determinações mútuas, independentemente de seu lugar na figuração. Essa variação de interconexões e variações forma as concepções de “eu” e “nós”, de individualidade e coletividade. Elias confere importância à sociedade de corte pelo motivo de acreditar ter sido nela aonde foi gestado o refinamento e aprimoramento que depois se espalhou pelo restante da França. Foi na sociedade de corte que ocorrem um dos primeiros mecanismos de autocontrole. Assim, de maneira bem gradual, o homem da corte se afasta cada vez mais dos aspectos considerados naturais.

O aprimoramento da sociedade de corte, para Elias, também representa o momento de um processo do qual nossa sociedade também utiliza. Um período em que já se haviam educado as personalidades a não submeter-se ao risco impetuoso das antigas sociedades guerreiras e medievais. As sociedades cortesãs eram marcadas por sorrisos, jogos de intrigas, mas não de violência física entre si. Portanto, como forma de refinamento, a corte francesa, tinha a característica de receber em seu meio os artistas, tais como escritores e músicos. De maneira prática podemos dizer que a corte francesa era como uma figuração clivada de indivíduos interdependentes, lutando e afrontando para manter seu prestígio nas relações de poder.

Ainda pensando nas relações de poder, o livro *Os estabelecidos e os outsiders*, publicado primeiramente em 1959, surge como um dos mais importantes trabalhos de Elias. Nessa obra o autor debate as relações de dominação simbólica, distantes do tipo clássico de dominação conhecido apenas na relação entre capital/ trabalho. Uma variação de fatores, não necessariamente econômicos, contribui para a dominação de determinado grupo sobre outro. O status, entendido como um capital simbólico constrói-se como peça fundamental no entendimento da relação de dominação. A pesquisa acontece na pequena cidade de nome fictício “Winston Parva”. O estigma que os estabelecidos reproduziam dos outsiders transformava, em um movimento duplo, a imagem que outsiders tinham de si em geral. Segundo Elias (2000), a polaridade em que supostamente consiste a relação entre indivíduo e sociedade é definitivamente falsa, muito provavelmente elaborada por uma teoria distante do campo de pesquisa. Trata-se, então, de entender a dinâmica própria das configurações que se consti-

tuem no social. Os indivíduos existem nas figurações, ou seja, em determinados contextos específicos. Da mesma maneira, os indivíduos criam esta figuração, mudando-a a partir do habitual. O poder, ou as relações de poder, para Elias passam pela mesma lógica.

Bourdieu e o poder simbólico

Para Pierre Bourdieu, o trabalho do sociólogo é constituído fundamentalmente no aniquilamento dos mitos, na desnaturalização do mitológico, demonstrando isso nos exemplos de práticas comuns na sociedade. Dessa maneira as relações de poder que se ocultam passam a ser evidenciadas. A sociologia vai se tornando, deste modo, um verdadeiro mecanismo de “combate”. Como algo capaz de aplicação e mudança social. O enfoque sociológico proposto por Bourdieu desempenharia um papel de suma importância na organização do social.

Em sua busca por especificar as relações de poder inscritas na realidade social, ou em um campo, Bourdieu em seu livro *O poder simbólico* (2001) leva em conta o compromisso de revelar as formas implícitas ou escondidas de dominação de classes nas sociedades capitalistas, defendendo a tese de que a classe dominante não domina por completo e não força os outros a se condescenderem com a dominação. Portanto, a noção de poder toma aqui outra forma. Bourdieu demonstra a existência do poder simbólico, poder esse em que as classes dominantes são favorecidas por um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições, e práticas sociais, que lhe possibilitam exercer o poder. Segundo o autor, esses símbolos são instrumentos da integração social e fazem ser possível obter o consenso acerca do sentido do mundo social o qual contribui necessariamente para a reprodução da ordem social. O poder é invisível, e só é exercido quando os seus sujeitos não querem ou não sabem disso.

O poder simbólico, para Bourdieu, é bem característico. Conforme o autor diz é preciso notar que as produções simbólicas funcionam como instrumentos de dominação e que, assim, contribuem para a integração das classes dominantes, diferenciando-as das outras classes; para a desmobilização das classes dominadas; para a legitimação da ordem através do estabelecimento de distinções. A cultura que une é também a que separa, estabelece diferenciações. A partir da dominação dos meios ideológicos, essa dissimulação parece funcionar muito bem.

Para que isso aconteça eficientemente Bourdieu (1999) nos diz ser indispensável uma estruturação das mentalidades e seu processo de constituição. As diversas classes estão envolvidas, aparentemente, em numa luta simbólica para estabelecerem o mundo em conformidade com seus interesses, formando um campo das posições sociais. O entendimento que Bourdieu faz da noção de campo social é importante para compreender as relações de poder. Essa noção de campo significa, basicamente, um “lugar” de forças infligido aos agentes que nele se encontram e um campo de lutas, no qual esses agentes lutam com meios e fins diferenciados conforme sua posição nesse campo. O campo é um espaço socialmente estruturado. A ideia de campo, de acordo com Bourdieu, possui estrutura e lógica própria. Criam-se mecanismos de poder, incapazes de serem percebidos facilmente, que só se podem entender por meio da análise empírica. De forma clara, o objetivo do campo é compreender a constituição de um espaço que apresenta uma autonomia relativa do resto da sociedade, com uma lógica singular, mas que se relaciona de uma forma similar em relação aos outros campos.

Outra noção importante em Bourdieu, que apareça em sua obra *O poder simbólico*, é o conceito de *habitus*. O *habitus* é um conhecimento adquirido e também um capital, pelo qual se indica a disposição incorporada e postural de um agente, juntamente com os princípios que geram e organizam suas práticas. Trata-se, para Bourdieu (2001) de um saber prático das leis implícitas de funcionamento social adquirido pela socialização exercitada em um cam-

po ou espaço específico. É um arranjo de relações históricas colocadas nos corpos em uma forma de esquemas mentais e corporais de percepção, fazendo assim um campo de poder composto por um conjunto de relações históricas e relacionadas a variadas formas de poder. Nota-se que ao considerar as relações de poder mediante a perspectiva de Bourdieu, podemos compreender, de maneira mais acentuada, as estruturas objetivas presentes nos campos sociais e as estruturas incorporadas, o *habitus*, dos sujeitos.

É importante levar em consideração que os *habitus*, representam capital cultural sob a forma incorporada e, assim sendo, recursos de poder, já que o capital cultural, bem como o econômico, é distribuído de forma desigual na sociedade. Os *habitus* compõem princípios de escolhas na cultura, são a prática, o saber prático, evoluindo de maneira peculiar entre a acumulação de capital cultural e a legitimação social. A incorporação do *habitus* pelo agente se dá a partir de sua inserção e participação num dado campo, formado por agências sociais específicas daquele campo.

A junção das noções, de campo e a de *habitus*, ajuda a compreender como Bourdieu enxergava as relações de poder. Para esse autor, que procurou analisar distinções de classe e desigualdades em um nível estrutural (não ideológico), os agentes sociais constroem o mundo social individual e coletivamente a partir de uma estrutura objetiva de distribuição de diferentes tipos de capital (formas de poder), sejam eles culturais, físicos ou simbólicos, cuja eficácia varia de diversas formas. A participação dos atores sobre essas estruturas objetivas constitui o campo social, dentro do qual ocorrem as disputas entre os agentes que possuem meios e fins diferenciados e de um *habitus* adquirido por sua socialização precedente ou por aquela praticada no interior do próprio campo. Essas disputas irão contribuir para a conservação ou até a mesmo a mudança da estrutura do campo.

Pensando nessas questões, é coerente que as noções de campo e *habitus* nos ajudem a pensar o poder em Bourdieu, até porque sua contribuição para a sociologia é de suma importância, como sugere Loic Wacquant (2002, p.98):

Bourdieu cunhou a noção de *capital cultural* e inseriu-o em uma concepção generalizada de capital como “energia social” congelada e conver-sível. Ele recuperou e retrabalhou o conceito aristotélico-tomista de *habitus* para elaborar uma filosofia disposicional da ação como propulsora dos socialmente constituídos e individualmente incorporados “esquemas de percepção e apreciação”. Ele forjou a nova ferramenta analítica do *campo*, designando espaços relativamente autônomos de forças objetivas e lutas padronizadas sobre formas específicas de autoridade, para dar força à estática e reificada noção de estrutura e dotá-la de dinamismo histórico. E ele sociologizou o conceito husserliano de *doxa* para basear a “atitude natural da vida diária” na coincidência das estruturas sociais e mentais por meio das quais o mundo magicamente aparece como auto-evidente e sua composição é posta além do alcance do debate e da elaboração.

Um debate possível

Há momentos em que as sociologias de Norbert Elias e Pierre Bourdieu se encontram. A concepção que Bourdieu faz de campo, como um espaço em que forças realizam um jogo no qual se demarcam posições de autoridade e se dinamiza a noção de estrutura, é bastante similar

ao conceito de figuração em Norbert Elias. E é Bourdieu que reconhece essa similitude para explicar seu conceito de campo a partir da teoria da sociedade de corte em Elias. Essa teoria, segundo o autor (2000. P. 48):

[...] capta mecanismos ocultos, invisíveis, baseados na existência de relações objetivas entre os indivíduos ou as instituições. A corte, tal como Elias a descreve, é um belíssimo exemplo do que chamo um campo em que, como num campo gravitacional, os diferentes agentes são arrastados por forças insuperáveis, inevitáveis, num movimento perpétuo, necessário para manter as hierarquias, as distâncias, os afastamentos.

O campo de Bourdieu é explicado como um conjunto de agentes disputando posições de poder, também uma espécie de rede de relações que se forma e se estrutura de maneira específica. O conceito de figuração em Elias aprecia o elemento histórico, o resultado das longas durações na constituição do *habitus*, o conceito de campo de Bourdieu leva menos em consideração, visto que ele centrava sua atenção em elementos do cotidiano. A noção de figuração e campo parece convergir com a de *habitus*. Porém, como observa Malerba (2011, p.216):

Bourdieu desconsidera a contingência histórica – diferentemente de Elias, cujo objeto é claramente histórico, genético; o *habitus*, por ser “estrutura estruturante e estruturada” para Bourdieu, faz com que nele se conceda um papel, senão ausente, meramente marginal à historicidade. Norbert Elias trabalha uma teoria da civilização; uma vez estabelecido e descrito o processo, a pergunta que se coloca é: porque os *habitus* evoluem e se transformam? A orientação da sua sociologia é claramente genética: compreender e explicar a gênese do *habitus* humano. Para Bourdieu, ao contrário, não se trata de explicar o *habitus*. Mais precisamente, seu objetivo é, uma vez identificado, explicar a imutabilidade das estruturas sociais, e mais ainda a lógica, o “senso prático” das ações que concernem a tal imutabilidade; assim os dois autores se referem a quadros de análise próximos, mas para fins opostos: Bourdieu privilegia as estruturas sociais, dando ênfase ao campo e marginalizando as contingências históricas. Ao contrário, Elias se interessa pela gênese do *habitus* e as razões de sua evolução.

Elias trabalhou pensando na civilização em boa parte de suas obras, entretanto mostrou em “*Os Estabelecidos e os Outsiders*” como sua teoria também pode servir para pensar nas diferenças de poder em pequenos grupos, como o caso da cidade operária que foi rebatizada com o nome fictício de Winston Parva. Nessa obra autor chegou à conclusão de que o grupo dominante era o que morava há mais tempo na cidade, o que lhes permitira realizar uma rede de relações mais sólidas e lhes consentira excluir os habitantes mais recentes dos cargos de importância e dos lugares de notoriedade. Já Bourdieu, empenhou-se em temas com delimitações menos esparsas de tempo, mas conseguiu, com uma grande habilidade para elaborar teorias distintas, caracterizar o conceito de *habitus* como “capital cultural incorporado”. Este conceito, para o autor, é fundamental para a relação entre os agentes no campo e possibilita a realização de análises muito sutis para quem os utiliza em variados setores da sociedade.

Considerações finais

Tentamos expor aqui uma pequena amostra das teorias de Bourdieu e Elias no que diz respeito às relações de poder. Mencionamos seus principais conceitos e traçamos alguns percursos sobre a difusão de suas ideias. Ambos os autores têm formação filosófica; são filósofos por formação que enveredam para o campo da sociologia. Ambos foram estimulados a se dedicar a algo mais “concreto” que a filosofia praticada na época, e cada um colaborou, a sua maneira, para as ciências humanas em geral.

Bourdieu teve uma longa e proveitosa carreira na universidade, tendo a oportunidade (juntamente com Foucault) de ser um dos teóricos mais influentes de sua geração. Suas pesquisas, por exemplo, sobre o contexto educacional francês permitiram-lhe questionar a ideia de que a escolarização em massa acabaria com desigualdades sociais, dando as pessoas mais talentosas, de qualquer condição social, a posições destacada. Para Bourdieu, a educação na escola serviria justamente para manter e conservar a ordem social. Elias teve muita persistência para assinalar sua posição, mesmo distante daquilo que era mais comum na sua época em ciências sociais e filosofia. Criticou arduamente as subdivisões disciplinares e a concepção do homem como ser isolado da sociedade e do ser humano separado da natureza. Ponderou as sociedades humanas como figurações em que todos estão conectados de maneira que suas ações possam ser percebidas nas longas durações pelo sentido que levam, embora não de forma intencional.

Norbert Elias e Pierre Bourdieu são autores que desenvolveram um campo teórico original e conseguiram se colocar ao lado dos grandes clássicos do pensamento ocidental. Suas análises em relação à noção de poder são essenciais para as ciências das humanidades. A sociologia de Bourdieu é uma sociologia do poder (simbólico), ou seja, de como o poder é constituído e diferentemente repartido entre os grupos sociais. A sociologia de Elias é uma sociologia processual na medida em que busca perceber, a partir das relações entre indivíduos e grupos, o devir histórico em que esses se encontram. Localizamos nas abordagens dos autores um jogo relacional entre os agentes sociais. A grande diferença é que Bourdieu parece preocupar-se, no interior e no decorrer dos jogos, com a disputa entre os participantes, enquanto Elias preocupa-se com a “consequência” do jogo, isto é, com o que seja ativo na dinâmica social.

Referencias Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. O Campo Econômico: a dimensão simbólica da dominação. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.

_____. O poder simbólico. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de

corde. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MALERBA, Jurandir. *Ensaio: teoria, história e ciências sociais*. Londrina: EDUEL, 2011.

WACQUANT, Loïc J. D.. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. In: *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, n. 19, nov.2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010444782002000200007&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 30 de novembro de 2013.